

A tradução de títulos das Histórias em Quadrinhos: o caso de *Violent Cases* e *Repeteco*

The translation of titles in comics: The case of *Violent Cases* and *Repeteco*

Francisca Ysabelle Manríquez Reyes Silveira¹
fran.ysabella@gmail.com

Gilles Jean Abes¹
gillesufsc@gmail.com

RESUMO

A pesquisa sobre a tradução de Histórias em Quadrinhos (HQs) tem sido, no Brasil, alvo de diversos estudos acadêmicos, assim como de discussões tanto em rodas de conversa dos fãs como em *blogs* especializados e resenhas nos quais, antigamente, se fazia apenas um resumo da obra na sua chegada às livrarias. A reflexão sobre a tradução de histórias em quadrinhos ainda é incipiente em âmbito acadêmico. Atualmente, percebe-se um aumento de pesquisadores interessados em analisar as particularidades que a tradução de HQs envolve nos mais diversos contextos. Este artigo pretende abrir a discussão sobre um ponto chave no campo de tradução de histórias em quadrinhos: a tradução de títulos. Embora os títulos sejam *a priori* uma decisão editorial, o tradutor pode se fazer presente ao escolher manter ou traduzir o título de uma obra. Serão apresentados dois projetos de tradução de quadrinhos já publicados; *Violent Cases*, de Neil Gaiman, e *Repeteco*, de Bryan Lee O'Malley, que exemplificam como cada uma das decisões do tradutor repercutem na aceitação do público.

Palavras-chave: tradução de Histórias em Quadrinhos, estudos da tradução, tradução de títulos.

ABSTRACT

The research on comic book translation has been the target of several academic studies in Brazil, as well as discussions on fan groups, as well as on specialized blogs and reviews where in the past only a summary of the work was done by the time of its arrival on bookstores. The reflection about the translation of comics is still incipient in the academic field. Currently, there is an increase of researchers interested in analyzing the particularities that the translation of comics involves in diverse contexts. This article aims to open the discussion on a key point in the field of translation of comics: the translation of titles. Although the titles are *a priori* an editorial decision, the translator can be present when choosing to maintain or translate the title of a work. Two previously published comic book translation projects: Neil Gaiman's *Violent Cases* and Bryan Lee O'Malley's *Repeteco* will be presented, which exemplify how each of the translator's decisions resonate with the public's acceptance.

Keywords: comic translation, translation studies, title translation.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina. Campus Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil.

Introdução

A pesquisa sobre tradução de histórias em quadrinhos (ou HQs) tem sido, no Brasil, alvo de diversos estudos acadêmicos assim como de discussões tanto em rodas de conversa dos fãs como em blogs especializados e resenhas nos quais, antigamente, se fazia apenas um resumo da obra na sua chegada às livrarias. A reflexão sobre a tradução de histórias em quadrinhos ainda é incipiente em âmbito acadêmico. Atualmente, percebe-se um aumento de pesquisadores interessados em analisar as particularidades que a tradução de HQs envolve nos mais diversos contextos. Desde pesquisas focadas na utilização de histórias em quadrinhos em sala de aula, passando por pesquisas semióticas, linguísticas e de comunicação, as histórias em quadrinhos se encontram num limbo disciplinar, sendo necessária não somente a pesquisa, mas também uma reflexão do trabalho dos tradutores já realizados, para poder entender melhor o funcionamento do processo de tradução de uma história em quadrinhos, podendo assim aprimorá-lo, ampliando as possibilidades de tradução especializada.

A tradução é, desde o advento de histórias em quadrinhos, uma parte importante na sua popularização ao longo dos anos e essencial para o entendimento desta mídia como a conhecemos hoje. Grandes editoras como *Panini* e *Companhia das Letras* abriram selos dedicados exclusivamente à tradução e publicação deste gênero no país. As livrarias reservam, nas suas prateleiras, espaços únicos onde podemos encontrar não somente quadrinhos traduzidos de super-herói, como também histórias das mais diversas temáticas e com diferentes públicos alvo, e até produções nacionais e independentes. Além de ser reconhecidas como um ponto estratégico para a chegada de novas obras ao Brasil, é importante – se não vital – que as traduções tenham uma boa aceitação do público, já que atualmente o acesso à informação permite que os fãs tenham a chance de ler os quadrinhos na sua língua de origem, possibilitando comparações e refinando os critérios de aquisição das obras.

Os estudos acadêmicos em HQs começaram a engatinhar mundialmente a partir dos anos 1940, porém apenas no final dos anos 1960 e início dos anos 1970 aconteceu o amadurecimento desta área. No âmbito internacional dos primeiros estudos, podemos mencionar o quadrinista e teórico americano Will Eisner que trata, principalmente, da linguagem dos quadrinhos, criando o termo “arte sequencial” para tentar definir este gênero. Nesta área podemos mencionar também o teórico americano

Scott McCloud (1995) que, além de tratar da linguagem, adentra nos estudos de produção de HQs. Em trabalhos mais específicos, como os estudos sistemáticos de HQs, temos a presença do teórico francês Thierry Groensteen (2015), que baseia seu trabalho no sistema semiótico dos quadrinhos, lidando principalmente com sua constituição física na página produzida/publicada.

Em 1960, Roman Jakobson faz menção pela primeira vez às histórias em quadrinhos no seu livro *Linguagem e Comunicação*, referindo-se ao termo “tradução intersemiótica”. Nesta menção, Jakobson aponta que a ideia de obras clássicas em prosa como a *Odisseia* e a *Iliada* em quadrinhos seria irrisória e que elas perderiam, neste tipo de adaptação de mídia, aspectos verbais valiosos (Jakobson, 2007), porém ganhariam outros restritos apenas a este gênero textual. Contudo, Jakobson não coloca os quadrinhos em foco, apenas os define como um tipo de linguagem multimodal e não-verbal.

Até o final dos anos 1990, é possível encontrar algumas referências aos quadrinhos dentro de teorias de Estudos da Tradução, mas apenas como menção e não como foco principal. É o caso do artigo “Concept of constrained Translation. Non Linguistic Perspective of Translation” (Mayoral *et al.*, 1988) no qual, novamente, os quadrinhos são colocados em evidência como exemplo de tradução, desta vez como uma mídia problemática onde seus aspectos não-verbais são considerados *ruído*, causando assim interferência no processo de tradução de quadrinhos. Os autores apontam também que a tradução dos signos linguísticos dos quadrinhos está subordinada à sincronia do conteúdo e à sincronia do espaço. Em 1999, o teórico alemão Klaus Kaindl publica, no primeiro volume do livro *Handbook of Translation Studies*, um artigo intitulado “Comics in Translation” no qual as HQs são introduzidas dentro do campo de Estudos da Tradução como foco principal, colocando-as num limbo dentro dos campos de estudos como Estudos Linguísticos, Literários, Estudos da Comunicação, Semióticos e Pedagógicos, devido a sua versatilidade e, acima de tudo, à presença de diversos elementos, tanto verbais quanto imagéticos, que possibilitam essa inserção. Kaindl aponta que estes elementos presentes numa história em quadrinhos são relevantes no ato tradutório, porém têm sido negligenciados no momento da tradução em si (Kaindl, 2010), levando a problemas de coerência na tradução, e assinala a importância de reconhecer cada um desses elementos e seu relacionamento entre si antes de começar a se traduzir uma HQ. A compreensão do que é de fato texto dentro de uma história em quadrinhos também é um ponto impor-

tante colocado por Kaindl, baseado nos estudos estruturais realizados por Will Eisner, em 1989.

Estudos mais atuais demonstram a evolução do aprofundamento em relação às histórias em quadrinhos como objeto de estudos dentro dos Estudos da Tradução, como é o caso de Federico Zanettin que, em 2008, publicou o livro *Comics in Translation: an Overview*, no qual realiza um apanhado de artigos acadêmicos tratando dos quadrinhos dentro dos Estudos da Tradução. Embora muitos deles possam parecer repetitivos, alguns pontos importantes são destacados. Zanettin problematiza a subordinação apresentada por Mayoral *et al.* (1988), criticando a afirmação de que o foco dos estudos encontrava-se apenas na tradução dos signos verbais. Também coloca os quadrinhos como textos não somente verbais, mas visuais, apontando para a diversidade e divergência dos significados de símbolos não-verbais presentes nas histórias em quadrinhos, já que estes signos são tão vinculados a aspectos culturais quanto os signos verbais e, conseqüentemente, devem não somente ser interpretados, como traduzidos. Em um dos seus artigos, Zanettin coloca estratégias de tradução para diversos elementos da gramática das HQs, porém suas colocações estão restritas ao espaço do texto verbal. Estudos mais atuais apontam uma nova direção no que concerne aos elementos negligenciados na tradução de histórias em quadrinhos. O surgimento do termo *paratradução* (Yuste Frias, 2011), oriundo de pesquisas dos aspectos semióticos e estruturais das HQs, abriu novas portas de interpretação dos signos não-verbais, como apontado por Zanettin em 2008, em que se destaca a necessidade de estudos aprofundados sobre o significado de símbolos não-verbais nas diferentes culturas para atingir uma tradução harmoniosa nas histórias em quadrinhos. Yuste Frias problematiza as especificidades do processo tradutório de HQs de forma similar a Kaindl e Zanettin.

Os pontos mais criticados pelos consumidores de quadrinhos² são diversos no que concerne à tradução. Desde a tradução de nomes de personagens, passando por onomatopeias e nomes de lugares, até a tradução dos títulos das obras, podemos perceber que as opiniões são diversas, já que muitas vezes os quadrinhos publicados não contêm notas de tradução e tampouco apresentam justificativas do projeto tradutório idealizado pelo tradutor. Nesse trabalho, o foco de estudo será a tradução

dos títulos das histórias em quadrinhos e os projetos tradutórios que embasam tais escolhas.

A discussão sobre a tradução de títulos em histórias em quadrinhos é um assunto que tem sido abordado ao longo dos anos como um dos grandes problemas desta prática tradutória. Klaus Kaindl cita, em seu artigo “Comics in Translation” (2010), cinco pontos atrelados aos desafios e dificuldades encontradas no processo de tradução de uma história em quadrinhos³, sendo o título a primeira categoria a ser distinguida.

Considerados critério de marketing até meados do século XX, os títulos das histórias em quadrinhos eram definidos baseados em critérios editoriais visando o aumento ou manutenção de vendas de uma obra ou série, sendo adaptados e, geralmente, traduzidos dependendo do público ou cultura alvo. Esta prática acarretou diversos problemas nas publicações que se seguiram, já que títulos que continham nomes de personagens e/ou referências a eventos marcantes nas histórias foram modificados, causando problemas de coerência não somente dentro da obra, como também na identificação de personagens ao longo do tempo – Super-homem/*Superman*; Homem-Aranha/*Spiderman* e Homem de Ferro/*Ironman* são alguns exemplos de personagens que ainda sofrem deste efeito – cujos nomes aparecem ora traduzidos em português, ora na língua de origem, o inglês.

Tendo em vista estas dificuldades, à medida que as histórias em quadrinhos se popularizaram, o interesse do público em conhecer as histórias na sua totalidade e na língua original aumentou, trazendo consigo uma necessidade ainda maior de coerência nas traduções. Esta mudança, a partir dos anos 1960, tornou-se tendência editorial graças a uma nova visão e exigência do público, na qual os títulos eram mantidos na língua de origem, principalmente quando estes continham o nome das personagens.

No entanto, hoje em dia, a tradução dos títulos varia entre o uso das tendências mencionadas. Embora a decisão final de como o título será publicado dependa quase exclusivamente da editora. Há alguns casos em que o tradutor ganha liberdade de se manifestar sobre as escolhas de tradução de títulos e, inclusive, de marcar presença justificando seu projeto tradutório, seja tanto na negociação e argumentação com os editores quanto na publicação de notas do tradutor na publicação final da obra.

² Dados coletados pela autora baseados na leitura de comentários dos fãs na conta pessoal de Brian Lee O'Malley (2016b) na rede social Instagram sobre a tradução de *Repeteco* e nos comentários em diversos sites como o Geosites (<http://www.geocities.ws/watchmenbrasil/puboriginal.html>) sobre a tradução de *Watchmen* de Allan Moore.

³ Os problemas ressaltados por Kaindl são: título, balões de fala, quadros de narração ou recordatórios, inscrições e onomatopeias.

Tradução de títulos

Os títulos de quadrinhos trazem um conteúdo verbal intimamente relacionado e influenciado pelo conteúdo pictórico – e temático – do quadrinho (Macková, 2012), assim como os títulos de livros. Ambos, além de ser atrativos e sugestivos, devem refletir o conteúdo da obra e podem conter trocadilhos ou significados ocultos (Celotti, 2008). Podemos comparar esta necessidade com alguns dos preceitos identificados que acompanham a tradução de títulos de filmes. Embora trate-se de uma mídia diferente, o cinema também depende de aceitação do público ao considerar a tradução dos seus títulos. Lu Yin, em seu artigo “On the Translation of English Movie Titles” destaca três funções a serem seguidas ao traduzir:

Um título de filme inglês devidamente traduzido deve desempenhar as seguintes funções:

Primeiro: Fornecer informações sobre a história para o público, resumindo o enredo principal, revelando o tema ou oferecendo alguma pista.

Segundo: Adicionar atração ao filme e estimular o interesse do público e desejo de ver o filme.

Terceiro: poupar problemas para o cinema, o público, revisores de filmes e outros pesquisadores de publicidade, escolha do público, comentários e estudos (Yin, 2009, p. 171, tradução nossa).

Assim como nas HQs, a decisão pela tradução do título de filme está atrelada a decisões de marketing e tendências de traduzir: manter o original ou colocar subtítulos se misturam. As duas primeiras funções citadas por Yin são perfeitamente associáveis com o que acontece nos títulos de quadrinhos. A necessidade de fornecer informações da história para o público e torná-la atraente são imprescindíveis quando tratamos com mídias desenvolvidas para este fim. Segundo Yin, as técnicas de tradução de título de filmes podem ser divididas em duas categorias:

- (i) *Traduzir mostrando respeito pelo título original (transliteração, tradução literal, explicação).*
- (ii) *Descartar o original (adaptação, fornecendo outro título) (Yin, 2009, p. 171, tradução nossa).*

Ambas as técnicas podem ser aplicadas não somente ao cinema, mas também à tradução de títulos de obras literárias, séries televisivas e histórias em

quadrinhos. Seja qual for a técnica utilizada, o princípio fundamental que não deve ser esquecido é que a tradução deve estar intimamente relacionada ao conteúdo da obra de uma forma ou outra (Eugene, 2001).

Para manter esta aproximação entre o título e o conteúdo da sua obra, por mais que pareça óbvio, é importante perceber a relação das possíveis referências contidas no título e assim tentar mantê-las, não importa a técnica de tradução utilizada. A perda de tais referências pode significar, no contexto de uma mídia multimodal, a perda da interpretação inicial que se procura obter do consumidor desta mídia. Esta máxima não somente se aplica a títulos, como também a nomes de lugares representativos ou mesmo eventos históricos que possam estar atrelados à história.

Para exemplificar esta situação, podemos mencionar a manutenção do nome do *Dr. Manhattan* na *graphic novel* – isto é, não é uma história em série e possui uma história completa – *Watchmen* (Moore e Gibbons, 2009). Assim como seu título, o nome da personagem manteve seu formato original ao mesmo tempo em que outras personagens tiveram seus nomes traduzidos, como *Night Owl*, conhecido no Brasil como *Coruja Noturna*. O tradutor não justificou suas escolhas, mas podemos teorizar que, se em *Dr. Manhattan* encontramos uma referência clara à cidade mais importante do distrito de New York, nos Estados Unidos, no caso de *Night Owl* a referência é facilmente mantida na tradução ao citar o animal noturno *Coruja* que deixa claro os traços de personalidade deste personagem. A ausência de uma justificativa deixa em aberto a possibilidade de teorização ao trabalharmos com a tradução de histórias em quadrinhos. Em ambos os casos, parece haver uma preocupação real com as referências imiscuídas às personagens por se tratar de uma obra icônica dentro do mundo das HQs, como é o caso de *Watchmen*.

Passemos agora ao cotejo das decisões tradutórias em duas histórias em quadrinhos, traduzidas pelo mesmo tradutor, para as quais serão levantadas as justificativas para ambos os trabalhos tradutórios. São os casos de *Violent Cases*, do quadrinista Neil Gaiman (Gaiman e McKean, 2014), e *Repeteco*, de Bryan Lee O'Malley (2016a) – ambas traduzidas pelo tradutor, pesquisador e jornalista Érico Assis –, que apresentam dois projetos diferentes. É importante ressaltar os aportes teóricos realizados pelo tradutor no campo de pesquisas acadêmicas envolvendo histórias em quadrinhos. Érico Assis é pesquisador na área de Estudos da Tradução, trabalhando com questões específicas de tradução de HQs na sua pesquisa de doutorado,

ênfatizando, assim, a importância do aumento de estudos acadêmicos que reflitam sobre o processo tradutório desta prática por parte dos tradutores que, hoje em dia, fazem parte do mercado editorial.

Títulos de HQs e suas traduções

Violent Cases de Nail Gaiman

A obra de Gaiman, *Violent Cases*, introduz o leitor no mundo nebuloso e confuso das memórias. O narrador e personagem principal mergulha nas suas memórias de infância, as quais segundo ele, carecem de confiabilidade. Viaja no tempo até seus quatro anos de idade, no dia em que é levado por seu pai para consultar um osteopata devido a uma lesão de origem duvidosa no braço. Ao longo da narração, pode-se perceber o clima de violência e possíveis abusos sofridos pelo personagem. Os fragmentos de memória ficam ainda mais nebulosos quando descobrimos que o osteopata é também médico de Al Capone, famoso gângster do período da lei seca estadunidense. São a violência e a fragilidade das lembranças que permeiam a obra ao longo das páginas. As memórias e os mais variados significados que podemos atribuir aos acontecimentos passados são os motivadores dos múltiplos significados do título desta obra.

Por se tratar de uma obra clássica do autor em parceria com o ilustrador Dave McKean, o título já se tornou referência no mundo das HQs, sendo esta uma das justificativas do tradutor para a manutenção do mesmo no original, conforme menciona nas notas do tradutor para a edição brasileira:

Embora a tradução possa criar novos jogos de significados, optou-se por manter o título em português devido à quantidade de vezes que a obra é citada com seu nome original em várias publicações brasileiras sobre a carreira dos autores (Assis in Gaiman e McKean, 2014, p. 64).

A escolha do tradutor para manter o título na forma original pode ser fundamentada tendo como base a teoria de Paulo Henriques Britto, apresentada em seu livro *A Tradução Literária*, no qual ele aponta que, às vezes, mesmo que uma palavra exista nos dois idiomas, o de origem e o alvo, a mesma não encontra correspondência no outro, onde as diferenças das línguas já começam na

própria estrutura do idioma, tanto na gramática quanto no léxico (Britto, 2012) e, por isso, a tarefa tradutória apresenta no geral um grau de complexidade elevado. Neste caso, trata-se de um conjunto de palavras que adquire um significado particular, a “coisa” (neste caso o título) não é algo concreto, mas um pressuposto de significados.

Embora estejamos trabalhando com uma mídia diferente da mencionada por Britto, a dificuldade para achar um correspondente que se adeque às necessidades desta obra em particular tornou seu título intraduzível. O tradutor justifica da seguinte forma:

Violent Cases tem um jogo de palavras interessante já no título. Os casos podem ser tanto “casos” quanto “estojos”. Violent, por sua vez, é literalmente “violentos”, mas também possui sonoridade similar a violins, ou “violinos”. Assim o título pode remeter:

- (i) a “casos violentos” – na acepção de resultados da violência ou, conforme um dos sentidos da história, vítimas de abuso infantil;*
- (ii) a “estojos de violência”- os estojos onde os gangster carregam suas metralhadoras;*
- (iii) ao protagonista menino ter ouvido errado (lembre-se de sua memória falha) quando o pai falou de violin cases, o que o levou a entender, peculiarmente, violent cases (Assis in Gaiman e McKean, 2014, p. 64.)*

A conotação apresentada em *Violent Cases* e seus diversos significados, que formam um jogo de correspondências variado, não encontra no português um jogo que apresente esses significados sem passar por um processo de perda. Ao traduzir esse título, as falhas de memória do protagonista, que representam o ponto central da história, se perderiam, mudando assim toda a intimidade que esta obra pretende obter com o leitor. Também pode-se perceber que a manutenção do título não representa um ato de anulação do tradutor nem um facilitador no momento de tomar uma decisão tradutória, pelo contrário: o tradutor se coloca e se assume como pensador da tradução, em que, num jogo de ganhos e perdas, optou-se pela manutenção do jogo de significados original, sendo este explicado para o leitor em forma de nota.

Repeteco de Bryan Lee O'Malley

Já no segundo caso, em *Repeteco*, de Bryan Lee O'Malley, o tradutor tomou um caminho diferente. *Repe-*

teco é um quadrinho que fala de segundas chances. Somos apresentados a Katie, uma mulher-garota de 29 anos, chef de cozinha e dona de um restaurante de sucesso chamado Repeteco que fala sozinha e se sente “jovem demais” para sua idade. Embora tudo pareça dentro dos conformes, Katie sente-se estagnada e, no meio desse sentimento, uma sucessão de acontecimentos parece piorar as coisas para ela. Tudo está desmoronando na frente dos seus olhos, quando uma garota misteriosa dá a Katie a receita para uma segunda chance: voltar no tempo e consertar seus erros. Katie se perde na ânsia de retificar sua vida, já que cada repetição traz consigo um problema ainda maior. Mas será que determinados momentos valem um repeteco? *Repeteco* fala de segundas chances. Mas também é uma história que, no seu jogo de palavras, linhas temporais e universos, faz o leitor perceber a própria incapacidade de resolver erros passados, mostrando que podemos viver apenas no presente.

No inglês, língua de origem da obra, o quadrinho chama-se *Seconds*. Num primeiro momento, sem ter conhecimento da obra nem do quadrinista, o leitor pode presumir que em português a palavra “segundos” poderia, sem problemas, intitular a obra. Porém, ao longo da sua leitura, percebe-se que existem outros significados para *Seconds* que divergem da aceção temporal atrelada à palavra. Embora o quadrinho não tenha, na sua edição brasileira, uma nota do tradutor nem prefácio justificando a escolha de mudança de título, fica claro ao longo da leitura o porquê. Na justificativa apresentada pelo tradutor para a editora ao propor este novo título, são colocados três pontos:

Há três significados principais de Seconds para a obra:

- (i) *encaixa-se no contexto alimentício ao lembrar a frase I'll have seconds! (vou repetir o prato!);*
- (ii) *relaciona-se ao recurso principal da trama, que é a personagem poder corrigir os erros que cometeu e assim ganhar segundas chances;*
- (iii) *é o nome do restaurante onde se passa a maior parte da história.*

O termo repeteco encaixa-se nos significados (i) e (ii) com entendimento fácil, a meu ver. Quanto ao significado (iii), ou seja, pensar Repeteco como nome de restaurante, acredito que o termo encaixa-se no estilo que o restaurante quer transmitir: tem atendentes jovens, atrai público jovem (Scott Pilgrim e Ramona Flowers jantam

lá) e deseja passar um tom descolado. Seconds, o nome original do restaurante, também é descolado ao basear-se na oralidade do I'll have seconds (Assis, 2016).

Neste caso, a presença do tradutor é inegável. Não somente pela mudança clara de título, mas também pelo pensamento tradutório que, ao não achar correspondente direto da palavra *Seconds*, encontrou um termo com o mesmo jogo polissêmico. Se pensarmos que as questões linguísticas estão inextricavelmente ligadas a fatores culturais (Britto, 2012), o tradutor, ao levar em consideração o público alvo do restaurante em questão (onde se passa a história do quadrinho), percebeu a necessidade de uma palavra que conseguisse abranger não somente a esfera alimentar, como também uma palavra que fosse culturalmente aceita pelos jovens leitores dessa HQ, com a qual pudessem se identificar com facilidade.

Segundo Britto, a delimitação de conceitos próximos dentro de um mesmo campo semântico é diferente dependendo da língua

Assim, tanto o inglês quanto o português têm palavras diferentes para designar as diferentes refeições do dia, mas o critério usado para distingui-las não é o mesmo nas duas línguas. [...] Às vezes uma palavra que existe num idioma simplesmente não encontra correspondência em outro, muito embora a realidade a que ambos se referem seja a mesma (Britto, 2012, p. 14-15).

O título da obra se torna mais forte graças ao fio condutor da história: a repetição de um momento para mudá-lo. Este é o sentido que “segundos” não conseguiria alcançar. Por ser uma palavra no gênero masculino, não abrange a metafísica da trama e, se colocado no feminino, parece incompleto e entrega rapidamente ao leitor um dos elementos chave a ser descoberto ao longo da narrativa.

Embora o tradutor, nestas duas obras, tenha tomado caminhos à primeira vista opostos, o objetivo maior é perceptível quando percebemos a importância de um título, não somente para a recepção dos quadrinhos no mercado, mas também pela escolha de se manter “fiel” ao significado destes na obra como um todo. Ao ser questionado pelas suas escolhas de tradução de quadrinhos o tradutor afirma:

A maior dificuldade de traduzir HQ é a mesma (pelo menos pra mim) de qualquer tradução:

achar a palavra certa para comunicar aquilo que eu quero comunicar com o impacto (potência, suavidade, ambiguidade, graça, tristeza, empatia) que eu gostaria que tivesse na cabeça do leitor - supondo qual era o impacto que o autor queria (Assis, 2016).

A tradução de títulos de HQs não é um problema exclusivo a esta mídia. Como qualquer tipo de tradução, nada tem de mecânico, mas representa um trabalho criativo, criatividade esta que leva o tradutor a realizar escolhas diante de jogos de significado intraduzíveis, como é o caso de *Violent Cases* ou de palavras com conotações que podem achar um correspondente na língua alvo, mesmo que cause estranheza. Assim, a presença do tradutor em ambas as obras fica clara, como fica também a flexibilidade das editoras envolvidas.

Baseando-me em entrevistas com leitores assíduos de HQs, realizadas para embasar este trabalho, é possível analisar a recepção do público frente à mudança ou manutenção dos títulos nas obras comentadas. No caso de *Violent Cases*, a justificativa dada pelo tradutor, e publicada no álbum, é corroborada, já que os entrevistados afirmaram que não reconheceriam a obra caso o título tivesse sido traduzido. Para o leitor, *Violent Cases* não traz consigo apenas essas palavras: também remete à lembrança do primeiro trabalho em histórias em quadrinhos de Gaiman e simboliza o início de uma carreira que se tornaria mundialmente conhecida.

Repeteco sofreu fortes críticas dos fãs. Alguns dos entrevistados afirmaram ter estranhado a escolha de palavras, mas, ao longo da leitura, tudo se tornou claro e a escolha do tradutor parece ter sido acertada. No entanto, as opiniões mostram-se, neste caso, diversas. Contrariamente às colocações de Britto sobre a visão da tradução pelo público leigo – que a tradução é uma prática fácil, sem maiores problemas e que, eventualmente, pode se tornar automatizada, isto é, sem interferência humana (Britto, 2012, p. 12) – os entrevistados apresentam uma visão mais apurada no que concerne à tradução tanto por seu histórico de leitura de HQ quanto pela prática profissional que cada um exerce.

Em entrevista concedida para a publicação deste trabalho, o professor de História da Arte Matheus H. Camilo⁴, leitor assíduo de quadrinhos desde a juventude comenta:

Francisca Silveira: *Você conhece ou já leu a obra Seconds de Bryan Lee O'Malley que será publicada agora em outubro?*

Matheus H. Camilo: *Sei que vai ser lançada, mas não li em inglês ainda. Vi algumas partes na internet e somente li aquelas.*

F.S.: *Imagino que você tenha visto a repercussão que acompanhou a revelação do título, Repeteco.*

M.H.C.: *Acompanhei e vi divergências sobre o título original e como seria recebida pelo público. Nosso público hoje é um público bem formado e eles gostam de acompanhar as obras no original, daí surgiu a discussão se seria necessário fazer a tradução.*

F.S.: *O que você achou da escolha do tradutor ao traduzir o título do quadrinho Seconds para Repeteco?*

M.H.C.: *Me soa Turma da Mônica, mas eu sei que o autor é um engraçadão que gosta de ao mesmo tempo se referir a um zeitgeist⁶ e ao mesmo tempo tem piadas de tiozão. Talvez a tradução tenha conseguido isso sim [referindo-se ao tom do autor da obra]. Mas o texto todo foi traduzido, então nada mais justo o título ser traduzido não? Uma coisa ou outra chamo pelo nome original caso eu não tenha sido apresentado a uma tradução.*

F.S.: *Eu sei que na edição brasileira que vai ser lançada não vai ser inclusa nenhuma nota, introdução ou prefácio explicando a tradução do título. Você preferiria que tivesse?*

M.H.C.: *Eu acho que como a discussão da tradução e as HQ se tornaram um ponto de debate, se tivesse uma nota, daria um contexto para embasar o pensamento de porquê foi traduzido. Eu aceitaria tranquilamente uma nota.*

F.S.: *Então a presença clara do tradutor ao longo da obra não incomoda?*

M.H.C.: *Eu li um quadrinho do Lanterna Verde em inglês dos anos 1960 e depois achei num sebo*

⁴ Bacharel em Design Gráfico pela Universidade do Vale de Itajaí. Professor de História da Arte na Escola Técnica Geração. Pales-trante e pesquisador autônomo na área da Filosofia da História da Arte. Pós-Graduando em Educação das Artes Visuais/UNINTER.

⁵ A entrevista foi realizada antes do lançamento do quadrinho no mês de outubro de 2016.

⁶ Termo alemão cuja tradução significa espírito da época, espírito do tempo ou sinal dos tempos. O Zeitgeist significa, em suma, o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo.

e li em português, a essência do texto mudou porque o público era mais “infantil” mas hoje com o acesso a informação, se tiver a presença do tradutor ajuda a saber o que se pretende passar; “a tradução é para quem”, sabe? É bom saber quem traduz, você vai atrás do tradutor também porque querendo ou não o tradutor é um objeto comercial e o texto passa pela interpretação dele para ser lançado aqui.

F.S.: E a obra *Violent Cases* de Neil Gaiman, você já leu em português ou inglês?

M.H.C.: Não lembro se li mas o nome me parece familiar por referência bibliográfica. Como fã do Gaiman e do McKean (ilustrador da obra) procuro muita coisa sobre eles e vi muitas referências a esse quadrinho.

F.S.: *Violent Cases* manteve na sua tradução seu título original e foi traduzida pelo mesmo tradutor de *Repeteco* porém com um projeto de tradução diferente, onde a manutenção do título foi justificada tanto para a editora como para o leitor em nota do tradutor no fim da obra. (após a leitura das justificativas do tradutor) Agora que você sabe das motivações, o que você acha da escolha de manter o título original?

M.H.C.: Fora o grande ponto das analogias do título original, pensando aqui em como poderia ter sido traduzido percebo que realmente a tradução tira um pouco o insight que o título em inglês traz, como “Casos violentos” por exemplo teria limitado a percepção da história. Achei muito interessante também o tradutor não querer ficar fora das referências bibliográficas que acompanham a obra, achei uma coisa boa, uma decisão muito madura.

F.S.: Então o caso de explicar as escolhas realmente tem um peso maior para o leitor?

M.H.C.: A justificativa, toda nota de tradutor, de editor, sempre me coloca de forma mais fácil dentro do marco da obra como um todo. Não acho que o tradutor esteja se anulando por exemplo ao manter um título no original, muito pelo contrário, ao explicar seu “plano tradutório” demonstra muita honestidade e inteligência no trabalho.

F.S.: Se você pudesse escolher entre uma HQ com o título na sua língua original ou traduzido, qual seria sua escolha?

M.H.C.: Eu como leitor de HQ e mangá estou acostumado a ver nomes no original, como *Batman*,

Ironman, *Superman*, *Sandman*, por isso sempre escolheria o original. Isso traz um certo orgulho para o fã, mesmo quando o nome do quadrinho é traduzido, conhecer o nome original dá um certo “status”. Nesse tipo de mídia os fãs são a parcela que faz a obra acontecer.

F.S.: Então *Repeteco* ao invés de *Seconds*...

M.H.C.: Nesse caso foi uma coisa legal na recepção da obra porque para mim, que conheci a obra primeiro por *Repeteco* e depois vi a polêmica e trechos na internet, a obra sempre foi *Repeteco*. Eu não vi ela como *Seconds* e isso me fez “aceitar” o título muito naturalmente.

F.S.: Paulo Henriques Britto, em seu livro “A tradução Literária”, coloca alguns pontos sobre como as pessoas leigas encaram a prática de tradução no geral. Qual seu ponto de vista nesse sentido?

M.H.C.: Eu já fui iniciado mais ou menos nas questões de tradução por trabalhar com arte, então minha opinião é bem tendenciosa. Sempre estou lidando com a questão de traduzir uma mídia para outra. Acho que a opinião geral de tradução é vista dessa forma, como o Britto coloca: é muito real, mas para quem pensa assim foge do próprio senso comum. As pessoas dentro das suas próprias línguas, por exemplo no Brasil, dependendo da região, têm muitos dialetos e gírias que se colocadas no Google não vão ter nenhum equivalente. As pessoas não pensam nisso, então acham que é fácil. Eu prezo – como disse, minha opinião é tendenciosa – por traduções pensadas, planejadas.

F.S.: E dentro das HQs, quando você lê uma HQ traduzida, você pensa no fato de que está lendo uma tradução?

M.H.C.: Como eu disse, já tenho conhecimento mais ou menos sobre tradução então isso está presente em tudo o que eu leio, seja quadrinho, teoria... qualquer texto traduzido me instiga a procurar se a ênfase das frases seria a mesma no original, mais por uma questão de curiosidade, e não subestimando o trabalho do tradutor; é exatamente o que o tradutor pensou ao traduzir o que me interessa.

O professor de inglês Marco Viricimo⁷ também foi entrevistado sobre a publicação de *Seconds* no Brasil com o nome *Repeteco* e sobre *Violent Cases* que manteve

⁷ Professor de inglês na CNA Escola de Idiomas e leitor assíduo de histórias em quadrinhos desde os 11 anos de idade.

seu título original. Concedendo os direitos de publicação da entrevista, declara:

Francisca Silveira: *Você conhece ou já leu a obra Seconds de Bryan Lee O'Malley que será publicada agora em outubro?*

Marco Viricimo: *Sim, li em inglês.*

F.S.: *Imagino que você tenha visto a repercussão que acompanhou a revelação do título, Repeteco.*

M.V.: *Acompanhei sim, inclusive estava falando agora com meu irmão sobre isso, ele leu também em inglês.*

F.S.: *Qual é a opinião de vocês sobre o título dessa obra em português?*

M.V.: *Eu achei esquisito, ele achou ok, e eu sei que tem a ver com a história, e a gente estava discutindo que parece que não tem outra tradução muito boa. O complicado é bater o olho e causar estranheza. Não sei se afetaria vendas ou algo do tipo.*

F.S.: *Mas se, por exemplo, o nome do restaurante tivesse sido mantido como Seconds, embora tivesse toda a perda de se encaixar no contexto alimentício da frase 'I'll have seconds, teria ficado melhor para vocês consumidores?*

M.V.: *Acho que depende, entra de novo na questão do estranhamento, para quem lê as obras em inglês seria mais confortável ler Seconds em algum lugar, mas acho que Repeteco chama mais a atenção de alguma forma para quem não leu.*

F.S.: *Eu sei que na edição brasileira que vai ser lançada não vai ser inclusa nenhuma nota, introdução ou prefácio explicando a tradução do título. Vocês prefeririam que tivesse?*

M.V.: *Sim, acho que sim, a gente entenderia melhor a escolha.*

F.S.: *Vocês que consomem HQs em inglês, ou seja, chegam a ler as obras antes de serem lançadas aqui: acham legal/bom/interessante o tradutor aparecer ao fazer essas escolhas? Prefeririam ler alguma justificativa dele ou tudo bem lidar com a estranheza?*

M.V.: *Como alguém que vai ler as duas versões, inglês e português, acho interessante ter alguma justificativa ou explicação.*

F.S.: *Então a presença clara do tradutor ao longo da obra não incomoda? Sempre e quando houver uma nota?*

M.V.: *Acho que se não for invasivo à obra, não. Mas eu falo isso como leitor assíduo de mangá,*

então nota de tradução é uma coisa que não é estranha para mim.

F.S.: *E a obra Violent Cases de Neil Gaiman, você já leu em português ou inglês?*

M.V.: *Não li em nenhuma das duas línguas mas conheço por nome.*

F.S.: *Violent Cases manteve na tradução seu título original, e foi traduzida pelo mesmo tradutor de Repeteco, porém com um projeto de tradução diferente, no qual a manutenção do título foi justificada tanto para a editora quanto para o leitor em nota do tradutor no fim da obra. (após a leitura das justificativas do tradutor) Agora que você sabe das motivações, o que você acha da escolha em manter o título original?*

M.V.: *Gosto muito da alternativa de explicar, porque se não essa multifaceta do título se perde para o leitor. Apesar de parecer invasão do tradutor da obra é preferível explicar do que perder essas considerações.*

F.S.: *Se você pudesse escolher entre uma HQ com o título na sua língua original ou traduzido, qual seria sua escolha?*

M.V.: *Para mim uma obra em inglês é melhor com o título no original mesmo, já em outras línguas, tipo sueco por exemplo, prefiro uma tradução. Acho que isso se deve ao fato de ter mais contato com o inglês do que qualquer outra coisa.*

F.S.: *Então Repeteco ao invés de Seconds...*

M.V.: *Nesse caso eu ainda ficaria mais confortável com Seconds, mas não reprimo a escolha porque eu mesmo não tenho uma melhor.*

F.S.: *Paulo Henriques Britto, em seu livro "A tradução Literária", coloca alguns pontos sobre como as pessoas leigas encaram a prática de tradução no geral. Qual seu ponto de vista nesse sentido?*

M.V.: *Sei que é um trabalho complexo, não somente pegar o dicionário e procurar. Já realizei alguns trabalhos de tradução. A questão da suposta "equivalência" versus cultura para mim é o mais difícil.*

F.S.: *E dentro das HQs, quando você lê uma HQ traduzida, você pensa no fato de que está lendo uma tradução?*

M.V.: *Acho que sim, principalmente no caso do mangá, em que o tradutor tem uma presença constante, e eu acho que em HQs não tanto. Eu costumo atentar muito mais a isso quando assisto filmes, por exemplo, nas legendas, quando a gente*

tem contato direto com as falas dos atores e elas não correspondem ao que está sendo falado.

Pode-se afirmar que, no que concerne à tradução de histórias em quadrinhos, a presença marcada do tradutor dentro do texto, tanto em notas como em prefácios ou introduções, não somente é valorizada como também necessária, já que as histórias em quadrinhos estão no centro das discussões acadêmicas quando tratamos de cultura pop. Quando o leitor é apresentado a uma obra tendo conhecimento prévio dela, a presença do tradutor parece ser ainda mais importante, já que existe uma procura e interesse por parte do público para poder entender melhor as escolhas realizadas e “entrar na cabeça do tradutor”, procurando não somente o ponto de vista do autor, mas também o ponto de vista do profissional encarregado de interpretar não somente o texto verbal mas toda a linguagem imagética presente nesta mídia.

De qualquer forma, a manutenção de títulos na língua de origem ainda parece ser a preferência dos fãs. *Violent Cases* não sofreu as pesadas críticas que foi possível observar em *Repeteco*, nem gerou discussões sobre os caminhos percorridos pelo tradutor para a manutenção do título. A nota do tradutor inclusa no volume lançado em 2014 ficou apenas como uma curiosidade de algo que aos olhos de muitos parecia óbvio, respeitar toda a história e todo o contexto sociocultural presente em apenas duas palavras, *Violent Cases*.

Concluimos assim que quando se trata de tradução, ao optar pela adaptação ou modificação do título original para o português, a presença do tradutor não somente está visível como também gera curiosidade por parte do leitor, o qual sente a necessidade de estar inserido da maior e melhor forma possível na mídia que consome. A menção do plano tradutório acrescenta aos fãs um tipo de conhecimento que eles procuram dentro da leitura de quadrinhos, neste caso icônicos ou novidades: aquele “algo a mais” na sua opinião sobre a obra, podendo gerar críticas mais aprofundadas e comentários pertinentes.

Referências

ASSIS, É. 2016. *Petelecos*. Blog da Companhia, Companhia das Letras. Disponível em: <http://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Petelecos> Acesso em: 25/03/2017.

BRITTO, P.H. 2012. *A Tradução Literária*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 157 p.

CELOTTI, N. 2008. The Translator of Comics as a Semiotic Investigator. In: F. ZANETTIN, *Comics in translation*. Man-

chester, St. Jerome Publishing, p 33-49.

EISNER, W. 1989. *Quadrinhos e a arte sequencial*. São Paulo, Martins Fontes, 155 p.

EUGENE, A. 2001. *Nida. Language and Culture: Contexts in Translation*. Shanghai Foreign Language Education Press, 127 p.

GAIMAN, N.; MCKEAN, D. 2014. *Violent Cases*. São Paulo, Editora Aleph, 64 p.

GROENSTEEN, T. 2015. *O Sistema dos Quadrinhos*. Nova Iguazu, Marsupial Editora, 184 p.

JAKOBSON, R. 2007. *Linguística e Comunicação*. 24ª ed., São Paulo, Editora Cultrix, 162 p.

KAINDL, K. 2010. Comics in Translation. In: Y. GAMBIER; L. VAN DOORSLAER (org.), *Handbook of Translation Studies*. Amsterdam, John Benjamins, vol. 1, p. 36-40.

MACKOVÁ, M. 2012. *Specifics of Comic Translation*. Masaryk, Filosofická Faculta Masarykovy Univerzity, 102 p.

<https://doi.org/10.1075/hts.1.comi1>

MAYORAL, R.; KELLY, D.; GALLARDO, N. 1988. Concept of Constrained Translation. Non-linguistic perspectives of translation. *Meta: Journal des Traducteurs*, 33(3):356-367.

<https://doi.org/10.7202/003608ar>

MCCLOUD, S. 1995. *Desvendando os Quadrinhos*. São Paulo, Ed. Makron Books do Brasil Editora, 216 p.

MOORE, A.; GIBBONS, D. 2009. *Watchmen*. Barueri, Panini Books, 464 p.

O'MALLEY, B.L. 2016a. *Repeteco*. São Paulo, Companhia das Letras, 336 p.

O'MALLEY, B.L. 2016b. Instagram. [conta pessoal]. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BL1pUq1Ahsf/?taken-by=radiomaru> Acesso em: 30/03/2017.

YIN, L. 2009. On the Translation of English Movie Titles. *Asian Social Science*, 5(3):171-173.

<https://doi.org/10.5539/ass.v5n3p171>

YUSTE FRÍAS, J. 2011. Traduire l'image dans les albums d'Astérix. À la recherche du pouce perdu en Hispanie. In: B. RICHET (ed.), *Le tour du monde d'Astérix. Actes du colloque tenu à la Sorbonne les 30 et 31 octobre 2009*. Paris, Presses Sorbonne Nouvelle, p. 255-271. Disponível em: http://joseyustefrias.com/docu/publicaciones/Tour-du-Monde-Asterix/JoseYusteFrias2011_Traduire_Image_Asterix.pdf. Acesso em: 30/03/2017.

ZANETTIN, F. 2008. Comics in translation: An overview. In: F. ZANETTIN, *Comics in translation*. Manchester, St. Jerome Publishing, p. 1-32.

Submetido: 31/03/2017

Aceito: 19/10/2017